

Expedições científicas na América do Sul: a experiência de Wanda Hanke (1933-1958)

Scientific expeditions in South America: the experience of Wanda Hanke (1933-1958)

Mariana Moraes de Oliveira Sombrio¹
Maria Margaret Lopes²

Resumo: Wanda Hanke (1893-1958) foi uma viajante e pesquisadora austríaca que estudou diversos grupos indígenas da América do Sul, mais especificamente no Brasil, Bolívia, Argentina e Paraguai. Este texto é apenas uma tentativa preliminar de escrever sobre sua trajetória, buscando situá-la em contextos mais amplos relacionados à consolidação de práticas científicas no Brasil, na primeira metade do século XX, e à situação das mulheres que buscavam se firmar no campo das ciências naquele período, procurando compreender a experiência dela no âmbito dos recentes debates sobre gênero e ciências e o impacto de seu trabalho para as instituições científicas nacionais.

Palavras-chave: Wanda Hanke, Expedições Científicas, Coleções, Etnologia, Mulheres Cientistas.

Abstract: Wanda Hanke (1893-1958) was an Austrian traveler and researcher who studied several indigenous groups in South America, more specifically in Brazil, Bolivia, Argentina and Paraguay. This text is only a preliminary attempt to write about her career, trying to situate her experience in broader contexts related to the consolidation of scientific practices in Brazil, during the first half of the twentieth century, and trying to relate it to the situation of women who wanted to establish themselves in the field of science in that period, attempting to understand her experience in the context of recent debates on gender and sciences and also the impact of her work for the national scientific institutions.

Keywords: Wanda Hanke, Scientific Expeditions, Collections, Ethnology, Women Scientists.

¹ Historiadora e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências, Unicamp. Contato: marisombrio@gmail.com

² Pesquisadora do *Pagu* - Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp, Diretora do Museu de Astronomia e Ciências Afins do Rio de Janeiro (MAST). Contato: mariamargaretlopes@gmail.com

Introdução

Wanda Hanke foi uma viajante e pesquisadora austríaca que passou os últimos vinte e cinco anos de sua vida se dedicando ao estudo de grupos indígenas da América do Sul. Sua ambiciosa pesquisa incluiu viagens pelo interior do Brasil, Bolívia, Argentina e Paraguai, as quais ela realizava sozinha. Com formação em psicologia, medicina, e direito, foi somente a partir dos quarenta anos de idade que passou a dedicar-se à etnologia. Nascida em 1893, na Áustria, acabou falecendo na cidade de Benjamin Constant, Amazonas, Brasil, em 1958, durante uma de suas viagens. Apesar de sua trajetória peculiar, ela ainda é pouco conhecida no Brasil.

Em um esforço, ainda em andamento, de reunir o máximo de dados possíveis sobre seus trabalhos e coleções, já conseguimos encontrar uma quantidade significativa de fontes e documentos que comprovam a importância de seu trabalho etnográfico. São inúmeras as peças e fotografias fornecidas por Wanda Hanke que compõem hoje o acervo etnológico do Museu Paranaense, em Curitiba, e contribuem com o conhecimento acerca de aspectos dos povos indígenas com quem teve contato.³ A interpretação das imagens fotográficas e o registro de momentos habituais desses grupos indígenas podem aumentar o conhecimento sobre a história desses povos e servir de base para estudos indigenistas, de história e de antropologia.

Apesar de ter reunido coleções etnográficas para diferentes museus, publicado diversos artigos sobre os povos que conheceu e proferido inúmeras conferências sobre seus estudos, no Brasil, ela ocupou uma posição marginal entre os antropólogos de sua época, pois não possuía um treinamento antropológico oficial e seus trabalhos nunca foram desenvolvidos dentro dos locais mais comuns onde se produzia a ciência oficialmente, como os museus e universidades. Ela pesquisava por conta própria e negociava os artefatos que recolhia, assim como os textos que escrevia, estabelecendo, eventualmente, vínculos informais com diferentes instituições. Além disso, sua prática de vender coleções e peças indígenas não era aprovada por muitos estudiosos de etnologia contemporâneos à ela, e menos ainda pelo governo brasileiro, que buscava cercear cada vez mais a presença de estrangeiros entre os povos nativos do país e o comércio ilegal de artefatos indígenas e espécimes biológicos. Todos esses fatores contribuíram para o desconhecimento de seus trabalhos no Brasil.

³ Fontes: Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, Museu Paranaense. Agradecemos a ajuda e contribuição dos funcionários do Museu Paranaense para a consulta desses materiais (fotografias, peças indígenas, cartas e artigos publicados por Wanda Hanke).

Impacto de seus trabalhos na comunidade científica

As viagens que ela realizou resultaram em estudos linguísticos⁴, formação de coleções⁵ e compilação de dados⁶ sobre a situação de diferentes grupos indígenas, mas esses esforços não foram suficientes para garantir-lhe reconhecimento na arena dos debates antropológicos. Consideradas por alguns como superficiais e até ingênuas (ver logo abaixo citação de Rodrigues, 1967), suas compilações de dados provindas da extensa pesquisa de campo não dialogavam frente a frente com as análises e proposições dos grandes representantes da pesquisa antropológica daquele período no Brasil, como Charles Wagley, Darcy Ribeiro, Curt Nimuendaju, Claude e Dinah Lévi-Strauss, entre muitos outros⁷.

Em resenha de seu livro *“Völkerkundliche Forschungen in Südamerika”*⁸ publicada por Aryon D. Rodrigues, conceituado linguista brasileiro especializado em línguas indígenas, na revista *American Anthropologist*, em 1967, ele fala sobre ela, a quem conhecia pessoalmente, e sobre seus trabalhos. Diz que ela foi uma mulher extraordinária e possuía um entusiasmo incrível para estudar e falar sobre os povos com quem teve contato, mas que a falta de treinamento específico em antropologia e linguística prejudicou as análises que fez do imenso material que coletou. Caracteriza suas compilações linguísticas como assistemáticas e superficiais, como podemos ver nesse trecho de sua resenha citado a seguir:

“Wanda Hanke was an extraordinary woman who spent the last 25 years of her life visiting Indian groups in South America, from the Paraguayan Cha-

⁴ Ver, por exemplo, estudos publicados por ela na Revista do Museu Paranaense: Hanke, Wanda. *“Apuntes sobre el idioma caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil”*, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VI, 1947, pp. 62-97; *“Vocabulario del dialecto caingangue de la Serra do Chagu, Paraná”*, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VI, 1947, pp. 99-106; *“Ensayo de una gramática del idioma caingangue de los Cainganges de la ‘Serra de Apucarana’, Paraná, Brasil”*, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VIII, 1950, pp. 65-220.

⁵ Entre as informações que reunimos até agora, confirmamos a existência de coleções e peças singulares fornecidas por Wanda Hanke no Museu Paranaense (Curitiba), no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e Museu Paulista (São Paulo), Museu Emílio Goeldi (Belém do Pará), Museu de Cochabamba (Bolívia) e Museu de Viena (Áustria).

⁶ Hanke, Wanda. *“Cadivéns y Terenos”*, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. II, 1942, pp. 79-87 (incluindo fotos), *“Los índios Sirionó de la Bolivia Oriental”*, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. II, 1942, pp. 87-96, *“Los índios Botocudos de Santa Catarina Brasil”*, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VI, 1947, pp. 45- 59 (incluindo fotos); *“Estudos complementares sobre a cultura espiritual dos índios cainganges”*, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VIII, 1950, pp. 137-145; *“La cultura material de los Guarayos Modernos”*, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VIII, 1950, pp. 215-220.

⁷ Sobre a história da antropologia no Brasil, ver, por exemplo: Corrêa, Mariza. *“História da Antropologia no Brasil (1930-1960), testemunhos”*, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; (Campinas-SP); Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

⁸ *“A pesquisa etnográfica na América do Sul”*, livro publicado em alemão em 1964, após a sua morte, reúne cinco artigos que ela havia enviado aos editores Georg Eckert and Herrmann Trimborn entre 1955 e 1958, que foram os responsáveis pela publicação.

co to the upper Amazon. Although she was already over 60 years old and walking with the help of a cane (because of severe arthritis) when this reviewer saw her for the last time, it was amazing to see how enthusiastically she spoke about the peoples she had just visited and how vividly she planned new explorations into the most remote spots of tropical America. She went again and again, and died in 1958 at the age of 65 in the country of the Tuku-na Indians on the Solimões, where Brazil borders with Peru and Colombia. Although she had an uncommon education, with doctorates in philosophy, medicine, and law, it appears that Wanda Hanke had no opportunity of studying either anthropology or linguistics. It is indeed a pity that a person so well gifted with both the physical and moral energy to endure more than 20 years of field work and who was acquainted with so many (about 40) tribal peoples was not equipped with anthropological and linguistic concepts and methods for organizing her observations and the invaluable data within her reach. Hanke's ethnographic as well as linguistic notes are in general asystematic, superficial, and often quite naive..." (Rodrigues, 1967, p.529).

Outros pesquisadores deixaram registradas opiniões diferentes sobre os trabalhos de Wanda Hanke. O historiador boliviano Eduardo Ocampo Moscoso reuniu e publicou em um livro as cartas que recebeu de Wanda Hanke. Nessas cartas, ela fazia relatos sobre suas expedições e negociava o fornecimento de artefatos indígenas para o Museu Arqueológico da Universidade de Cochabamba em troca de ajudas de custo para suas viagens (Moscoso, 1982). Além das cartas, ele publicou nesse livro a transcrição de conferências que ela proferiu nessa universidade.

Entre os anos de 1951 a 1971, Moscoso exercia a função de Diretor do Departamento de Cultura da Universidade Mayor de San Simón de Cochabamba, Bolívia, e relata na introdução de seu livro que teve a oportunidade de consolidar uma firme amizade com a Dra. Wanda Hanke. Além da amizade, os funcionários desse museu formalizaram com ela um convênio para adquirir flechas, arcos, canoas e outros objetos fabricados pelos índios das regiões que visitava. Essas peças são hoje patrimônio do Museu Arqueológico dessa Universidade (Moscoso, 1982, p.13).

Ao falar sobre a contribuição de Wanda Hanke, Moscoso enalteceu principalmente sua vida de aventuras em terras indígenas do Brasil e Bolívia, relatadas nas correspondências, destacando as várias tentativas dela de denunciar abusos cometidos contra as populações selvícolas, sem fazer análises mais profundas sobre seu trabalho em termos de produção de conceitos antropológicos. Por exemplo, ele diz o seguinte:

"La vida de esta esforzada y talentosa mujer, cuya memoria está llamada a ocupar sitio de honor en la Ciencia, estuvo varias veces amenazada de muerte... A fines de febrero de 1953, a raíz de una denuncia suya en defensa de los indios chacobo fue agredida bárbaramente, entre las localidades de

Magdalena y Huacaraje. No se considero ni su sexo ni su edad, por un borracho contratado por los esclavistas da la región (Moscoco, 1982, p.14)”

Apesar das opiniões diversas sobre seu trabalho etnográfico, não podemos negar o fato de que as longas viagens de campo que realizou resultaram em coleções de artefatos, dados, narrativas, línguas e alfabetos que compõem um rico acervo de conhecimento sobre diversos povos. Seus estudos sobre linguística indígena são citados e utilizados até hoje, especialmente sobre os povos Kaingang, com quem teve contato no Estado do Paraná. Por exemplo, em estudo sobre a mesma língua de D’Angelis (2003), ele faz referência à ela e diz que:

“Wanda Hanke teve contato com diversas áreas indígenas no Sul do Brasil, publicando vários trabalhos sobre Kaingang e Xokleng. O “Vocabulario del dialecto Caingangue de la Serra do Chagú, Paraná”, publicado pelo Museu Paranaense em 1947, é resultado da visita da pesquisadora, em 1940, à aldeia do Chagu, no antigo Campo das Laranjeiras, na área atualmente conhecida por Rio das Cobras (Sudoeste do Paraná)... Trata-se de uma transcrição cuidadosa e, no geral, de boa qualidade...” (D’Angelis, 2003, p.33)”

Na década de 1950, a linguística era muito próxima da antropologia, e apesar do distanciamento que ocorreu no decorrer dos anos, até hoje essas disciplinas mantêm algum contato em termos de pesquisa (Corrêa, 1987, p.17). Parece-nos que, atualmente, o trabalho de Wanda Hanke, no Brasil, é mais referenciado em estudos de linguística indígena do que em estudos antropológicos⁹.

Uma forte militância pela salvaguarda dos povos indígenas está sempre presente em suas narrativas, assim como denúncias de situações de escravidão e maus-tratos¹⁰, e também muitas transcrições de histórias contadas pelos índios, mas sua extensa produção e as coleções que reuniu ainda encontram-se, em parte, bastante esquecidas em museus espalhados pelo mundo.

Mulheres, Gênero e Ciências

Na época em que realizou seus estudos, uma pesquisadora fazendo trabalho de campo sozinha, no interior do Brasil, não era comum, ainda mais sem nenhum vínculo institucional sólido que pudesse certificar seu nome e seu trabalho. O fato de ser uma mulher expedicionária na primeira metade do século XX, foi o prin-

⁹ Ela também foi citada por Ludoviko dos Santos (UEL) e Leriana de Almeida (UEL), no artigo “Classes de palavras Kaingang: Nome”, publicado nos Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, s/d, acessível em: www.celsul.org.br/Encontros/06/Coordenadas/20.pdf, e no texto de Sarah C. Gudschinsky sobre a língua Ofaié, “Fragmentos de Ofaié - A descrição de uma língua extinta”, s/d, acessível em: www.sil.org/americas/brasil/publens/ling/OFFrag.pdf.

¹⁰ Várias de suas denúncias estão transcritas em Moscoso, 1982, p.139-146.

cial motivo que chamou nossa atenção para a história dessa personagem. Desde os anos 1970, com a consolidação dos estudos de gênero e ciências, pesquisas vêm sendo desenvolvidas no intuito de compreender com se deu a incorporação de mulheres nas práticas científicas nos mais diversos contextos e como os significados sociais atribuídos aos gêneros masculino e feminino foram assimilados pelas instituições científicas.

Mariza Corrêa (2003) afirma que, de fato, no período entre os anos finais do século XIX e os anos 1940 do século XX “era raro uma mulher em busca de renome, o mais frequente sendo a existência de pesquisadoras dublês de esposas – ou vice-versa.” O estudo de casos de mulheres que pesquisavam sozinhas nesse período é revelador das dificuldades que elas enfrentavam para realizarem suas pesquisas de campo. As mulheres estrangeiras que vinham ao Brasil estavam majoritariamente enquadradas em duas situações principais: “ou elas faziam parte de um time profissional com seus maridos, ou corriam o risco de serem malvistas pelos pesquisadores locais, em sua maioria homens” (Corrêa, 2003, p.24).

O interesse em realizar pesquisas sobre trajetórias de mulheres cientistas atuando em meados do século XX, inclui compreender como elas desenvolveram seus trabalhos e almeja dar reconhecimento à essas figuras que também praticaram ciências e realizaram pesquisas de campo, inserindo-se em um ambiente nem um pouco favorável à sua participação, abrindo assim caminho para a crescente inserção de mulheres que ocorreu no mundo acadêmico e científico nas décadas seguintes. O resgate dessas figuras femininas que praticaram ciências em períodos em que a presença delas não era tão comum nesse campo de trabalho, contribui com a desconstrução de ideias tradicionais que consideram as ciências como uma prática exclusivamente masculina no passado.

A própria historiografia contribui com essa invisibilidade da participação de mulheres em práticas científicas ao não incluí-las nos registros sobre o desenvolvimento científico, pois cada vez mais, ao olharmos fontes e documentos com uma visão atenta às questões de gênero, encontramos mulheres, que foram pouco mencionadas, mas que estão presentes nas mais diversas documentações (Lopes *et al.*, 2004).

A documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFE), órgão federal criado em 1933, e extinto em 1968, com

a função de fiscalizar e licenciar expedições científicas em território brasileiro¹¹, abriga histórias de diversos viajantes que se aventuraram em excursões com fins científicos pelo interior do Brasil e, entre eles, encontramos muitas mulheres. Uma delas é Wanda Hanke e foi daí que partiu nossa investigação a seu respeito. Consultando essa documentação encontramos o primeiro pedido de licença que ela enviou ao Conselho em 1933. O que chama atenção em sua experiência é o fato de ter realizado todas as suas pesquisas sozinha, ela nunca viajou acompanhada de um marido ou companheiro, o que era comum para as mulheres da época (Corrêa, 2003, *op cit.*), e nem possuía uma equipe para realizar as expedições, pois era uma coletora autônoma, sem vínculo fixo com nenhuma instituição específica.

À medida que pesquisadoras e pesquisadores brasileiros começaram a se voltar para arquivos e fontes documentais informados pelas perspectivas de gênero, mais personagens e interpretações começam a vir a tona. As análises de gênero têm demonstrado seu potencial, quando utilizadas de maneira criativa, podendo contribuir para nossos modos de conhecer o mundo, justamente por abrirem novas perspectivas, novos questionamentos e novas visões sobre o mundo (Schiebinger, 2008, p.4).

Os primeiros passos no Brasil

O primeiro registro que encontramos da presença de Wanda Hanke no Brasil data de julho de 1933, e é um ofício enviado ao Ministério da Agricultura, órgão responsável pelo Conselho de Fiscalização, pela legação da Áustria, através do Ministério das Relações Exteriores. Este ofício comunicava a vinda ao Brasil de uma expedição científica organizada e chefiada pela Sra. Wanda Hanke, doutora em medicina, filosofia e direito, e dizia que a expedição tinha por objetivo a exploração de regiões desconhecidas dos rios Xingu, Tapajós e seus afluentes, para fazer pesquisas “psycho-ethno-sociológicas” (*Ipsis litteris*), linguísticas, astronômicas, meteorológicas e cartográficas na mesma zona. Dizia que a expedição seria formada por mais duas pessoas, Senhor Franz Schmuclerschlag, etnólogo e filólogo, e Dr. Sigmund Buchberger, geógrafo¹².

¹¹ O Conselho de Fiscalização foi criado em 1933, momento em que o Estado brasileiro assumia uma forte ideologia nacionalista, que passou a ser incorporada em grande parte das instituições públicas brasileiras. Foi o órgão responsável por fiscalizar e licenciar expedições científicas e artísticas realizadas em território nacional, assim como o material coletado por essas expedições. Além do exercício da fiscalização, o Conselho exigia dos viajantes duplicatas de qualquer material coletado, que deveriam ser encaminhadas para instituições científicas brasileiras, particularmente para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, uma das instituições mais influentes da época em termos de desenvolvimento científico. Essa exigência que visava a proteção de recursos naturais, bem como da cultura material do país, fazia com que os investigadores estrangeiros contribuissem com a formação de coleções e produção de conhecimento no país. Em 1968, as atividades realizadas por esse órgão foram totalmente assumidas pelo CNPq, o que ocasionou sua extinção. Sobre o Conselho, ver: Grupioni, 1998; Lisboa, 2004; Sombrio, 2007.

¹² Dossiê CFE.T.2.002, Acervo do CFE, MAST, Rio de Janeiro.

O ofício ainda informava que a missão tinha o apoio das principais instituições científicas da Áustria, estava sendo preparada desde 1932 e contava com uma subvenção financeira do Instituto Rockefeller. O itinerário incluía inúmeras cidades e foi descrito na seguinte ordem: “Rio de Janeiro, São Paulo, Bauru, Porto Esperança, Corumbá, Cuiabá, Rosário, Diamantina, Rio Paranatinga, Rio Kuli-seu, Rio Kuluene, Xingu abaixo até a embocadura do Manitsana-nissú, volta ao Xingu, Souzel, Porto do Moz, Rio Amazonas e Belém do Pará” (*Ipsis litteris*). Pediam ao governo brasileiro, além da autorização necessária, o custeio das despesas e o transporte gratuito dos expedicionários nas estradas de ferro e navios brasileiros, e, se possível, subvenção pecuniária.

O primeiro parecer do Conselho sobre o pedido de licença, assinado pelo seu então presidente, Paulo Campos Porto, dava um voto de confiança ao caráter idôneo da expedição, pois os cientistas diziam ter apoio das principais instituições científicas da Áustria, mas recomendava que não fossem concedidos os subsídios requeridos, já que não existia base para considerar essa missão como de interesse nacional e a mesma empreitada poderia ser realizada por cientistas nacionais, além de que a quantia necessária para realizar essa viagem seria demais vultuosa, dado o número de expedicionários e imenso itinerário. O parecer pedia que os expedicionários adequassem seu pedido oficial às formalidades exigidas pela lei brasileira (de acordo com o estatuto do Conselho de Fiscalização), preenchendo o requerimento corretamente com todas as informações necessárias, e posteriormente a licença poderia ser concedida¹³.

Antes que isso ocorresse, um documento confidencial assinado por Cavalcanti de Lacerda, diretor do Departamento Nacional de Produção Vegetal (DNPV), foi encaminhado ao presidente do Conselho de Fiscalização, Paulo Campos Porto. O referido documento era uma carta alertando o presidente sobre novas informações que haviam sido obtidas no Consulado de Viena, posteriores àquela primeira comunicação estabelecida entre Wanda Hanke e o Conselho, e essas informações colocavam em dúvida a idoneidade da Dra. Hanke. Em certo ponto, a carta diz o seguinte:

“... A referida senhora já esteve internada, durante cerca de dois anos, em um sanatório especial, afim de perder o vício da morfina. Seu estado atual apresenta, ainda, sintomas de anormalidade mental. É mister salientar, também, que a senhora Hanke declarou ao Consul do Brasil em Viena, não contar com recursos próprios para o custeio da expedição, e tão somente com subvenções de uma agência editora alemã e da sociedade rádio de Viena, para a qual faria conferência. Esperava também obter algum auxílio da fundação Rockefeller e do nosso governo.

¹³ *Idem.*

Tais fatos inspiram pouca confiança quanto ao caráter científico da expedição, que, além de não incluir personalidades de valor reconhecido, ainda lutará com falta de meios para realização dos trabalhos técnicos que possam ser de utilidade para nosso país. A vista disso, já enviei uma nota à Legação da Áustria, lamentando que as informações obtidas sobre a senhora Hanke não permitem ao nosso governo conceder-lhe licença para realizar a mencionada expedição”¹⁴.

Não pudemos ainda confirmar a veracidade dessas informações sobre seu internamento e problemas de saúde, mas a falta de financiamento para sua expedição e a inexistência de vínculos com instituições científicas da Áustria ficam evidentes em toda sua correspondência.¹⁵ Os objetos que colecionava eram negociados em acordos provisórios ou informais de colaboração ou parceria, algumas vezes doados, mas também eram comumente vendidos à instituições, prática usual na época e que garantia também seu próprio sustento, já que ela não tinha nenhum outro tipo de recurso. Por exemplo, em carta enviada pela secretária do diretor do Museu Paranaense, Maria de Lourdes Tavares, para Wanda Hanke, em 23 de março de 1948, podemos observar uma dessas negociações:

*“Prezada Senhora,
De ordem do Sr. Diretor, comunico ter enviado em 11 de dezembro de 1947 a importância de Cr\$.120,00 em pagamento de fotografias enviadas por V.S. ao Museu, tendo sido esta quantia remetida por telegrama, para a filial do Banco do Brasil em Campo Grande, conforme seu pedido...”¹⁶*

E muitas outras cartas e telegramas trocados entre Wanda Hanke e o diretor do Museu Paranaense da época, Loureiro Fernandes, são referentes ao pagamento de peças e fotos¹⁷, assim como boa parte da correspondência trocada entre ela e Eduardo Moscoso, da Universidade de Cochabamba, na Bolívia.

A partir da documentação que pesquisamos, também não conseguimos comprovar a presença dos dois homens que ela afirmava que viriam junto com ela ao Brasil, um etnólogo e um geógrafo. Todos os artigos que publicou foram assinados apenas por ela e os nomes citados não aparecem em nenhuma das cartas que encontramos até agora. O fato é que após essa intervenção do diretor do DNPV

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ O Museu Paranaense possui em seu acervo documental inúmeras cartas enviadas por Wanda Hanke ao Diretor do Museu na época, Loureiro Fernandes. Fontes: ... Museu Paranaense, *op cit*.

¹⁶ Fontes: ... Museu Paranaense, *op cit*.

¹⁷ Entre a coleção de fotos do Museu Paranaense podemos identificar cinco povos indígenas diferentes: maccá, borôro, kaingang, kaingá e botocudos. As fotos dos índios Kaingang são as mais numerosas e foram tiradas em pelo menos quatro localidades diferentes do Paraná: o município de Pitanga, Faxinal, Palmas e Serra do Chagu.

e da revelação dessas informações, o pedido dela foi negado e a licença do Conselho de Fiscalização de Expedições Científicas não foi concedida.

A negação da licença do Conselho de Fiscalização lhe causou dificuldades, mas certamente não a impediu de realizar sua viagem, o que podemos concluir a partir da leitura de sua correspondência e dos diversos artigos que publicou na revista do Museu Paranaense¹⁸. Considerando apenas os documentos do Conselho, seria de se supor que Wanda Hanke não teria realizado expedições pelo país, mas as coleções etnográficas, de fotos e correspondências depositadas até hoje no Museu Paranaense, em Curitiba, nos permitiram seguir pistas que contam outra história. Seus artigos relatam dados, informações e histórias acerca de populações indígenas do Brasil que só poderiam ter sido escritas a partir de uma intensa pesquisa de campo¹⁹.

O Conselho de Fiscalização exigia que, para cada material coletado, uma duplicata fosse doada à alguma instituição científica brasileira, e caso o exemplar coletado fosse único, ele não poderia sair do Brasil. Dessa forma, o governo federal fazia com que os exploradores estrangeiros colaborassem com o desenvolvimento de coleções e das ciências no Brasil. Também eram exigidos relatórios das expedições, regra pouco cumprida pela maioria dos expedicionários.

A venda de coleções, fosse no Brasil ou para o exterior, era repudiada pelo Conselho de Fiscalização que buscava, entre outras coisas, diminuir a exploração estrangeira já praticada há séculos sobre o território brasileiro. Por esse motivo, qualquer viajante que comercializasse objetos etnológicos sem a licença do Conselho tinha suas atividades sistematicamente dificultadas pelo órgão e por seus delegados, que estavam presentes em todos os Estados da federação. O Conselho enfrentava dificuldades para por em prática todos os seus objetivos, ainda mais considerando o tamanho do território brasileiro, as dificuldades de comunicação da época (que se davam principalmente por telegrama) e a desorganização de muitas instituições, mas, por muitas vezes, conseguia efetuar a devida fiscalização sobre as expedições científicas e a apreensão de materiais coletados ilegalmente, tendo sido responsável pela aquisição de muitas coleções para os museus brasileiros, principalmente para o Museu Nacional do Rio de Janeiro que era o principal receptor dos objetos interceptados pelo Conselho.

Wanda Hanke, no decorrer de suas viagens pelo Brasil, enfrentou dificuldades provocadas pela fiscalização do Conselho, como a apreensão de objetos que havia coletado, por exemplo. O fato de não possuir a autorização dificultava também seu acesso a alguns lugares, pois a licença concedida por esse órgão

¹⁸ Artigos publicados por Wanda Hanke na revista *Arquivos do Museu Paranaense*, Volumes II, VI e VIII, citados acima (notas 3 e 5).

¹⁹ Fontes: ... Museu Paranaense, *op cit.*

garantia a colaboração de outros profissionais e instituições aos cientistas que a possuíam, como integrantes do Serviço Florestal, de museus, pesquisadores, e outros funcionários públicos que poderiam ajudá-la de alguma forma. Por transitar pelo Brasil sem essa licença, Wanda Hanke infringia leis federais e praticava comércio ilegal de bens considerados patrimônio científico e artístico nacional. É bastante impressionante que, sob essas condições, ela tenha conseguido excursionar pelo Brasil por tantos anos. Pela quantidade de peças que vendeu e Museus com os quais colaborou, é possível dizer que as apreensões do Conselho sobre os materiais que ela recolhia foram mínimas.

O pedido que fez para que o governo brasileiro custeasse praticamente todas as despesas da expedição também é bastante incomum e ousado. Em nenhum dos outros dossiês de expedições científicas que consultamos no acervo do Conselho de Fiscalização encontramos pedido similar. Difícil dizer se essa tentativa caracteriza mais uma ingenuidade e desconhecimento em relação aos estritos limites criados pelas comunidades científicas e ao fato de que um governo, no século XX, dificilmente financiaria um viajante estrangeiro desconhecido e sem nenhum vínculo institucional, ou se foi de fato um oportunismo, uma tentativa arriscada de conseguir o dinheiro necessário para realizar a aventura a que se propunha. A afirmação que fez no requerimento, de que possuía o apoio das principais instituições científicas da Áustria se mostrou falsa e isso minou ainda mais suas chances de conseguir a autorização para a expedição.

Em setembro de 1940, Wanda Hanke (1893-1958) enviou um novo pedido de licença ao Conselho de Fiscalização. Dessa vez solicitava autorização a fim de realizar uma expedição para estudar indígenas na Ilha do Bananal e na região do Rio Araguaia, no interior do país. Na carta que enviou ao Conselho, ela informava que sua expedição seria feita individualmente e deveria durar dois anos. Levitaria material para caçar cobras, lacraias e insetos, que lhe seria fornecido pelo Instituto Butantan. Do material colhido a maior parte seria oferecida ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e o restante ao Butantan e ao Museu da Faculdade de Filosofia de São Paulo. Ela também informava desejar oferecer parte dos materiais coletados ao Museu de La Plata, na Argentina²⁰. Ainda não encontramos outras referências que confirmem algum tipo de acordo ou negociação com o Instituto Butantan, mas sabemos da existência de peças indígenas fornecidas por ela ao Museu Paulista e ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, nas décadas de 1940 e 1950²¹.

Dessa vez seu requerimento foi negado por não ter obedecido a norma do Conselho que exigia que todos os pedidos de licença formulados por estrangeiros

²⁰ Dossiê CFE.T.2.170, Acervo do CFE, MAST – Rio de Janeiro.

²¹ Cf. em Paula, 2005; descrição de peças presentes nos acervos do MAE e Museu Paulista, que confirmam a existência de objetos fornecidos por Wanda Hanke.

fossem feitos por intermédio do Ministério das Relações Exteriores.

O dossiê que guarda os documentos referentes à esse segundo pedido de autorização que Wanda Hanke enviou ao Conselho não fornece informações suficientes para que possamos entender exatamente o que ocorreu. O parecer negativo, assinado por todos os conselheiros da época, diz o seguinte:

“... Sem entrar no merecimento do assunto, proponho a solução de uma preliminar em face do artigo 2º do Decreto nº 22698, de 11 de maio de 1933 e do artigo 9º do Regulamento deste Conselho, aprovado pelo Decreto nº 24337, de 5 de junho de 1934, podemos conceder licenças para expedições estrangeiras – coletivas ou individuais – sem que a solicitação venha encaminhada pelo Ministério das Relações Exteriores?

Bem sei que, no momento atual, há sérias dificuldades, surgidas ou acentuadas depois das datas em que foram aprovados os dispositivos citados, pelas quais resulta que numerosos cidadãos, não raro cientistas, se tornaram apátridas, ou deixaram de merecer a proteção dos governos, a que ficaram pertencendo seus países, em virtude das transformações havidas no quadro internacional de então a esta parte.

No entanto, por ponderável que seja essa consideração, não nos pode autorizar a infringir um dispositivo legal, de cujo cumprimento somos os fiscais imediatos.

Assim, sou de parecer que, preliminarmente, se negue a licença solicitada, em virtude do pedido não ter sido feito na conformidade com a legislação vigente...

Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1940”²².

O parecer dá a entender que justificar a negação da licença pelo artigo que exigia que todos os pedidos fossem enviados através do Ministério das Relações Exteriores era uma solução provisória para um problema maior. O que não fica claro é se o problema principal seria a nacionalidade dela, austríaca, em meio à segunda guerra mundial e às sanções aos países inimigos, ou se existiam outros agravantes. Sabendo do que ocorreu na primeira vez que ela tentou conseguir a licença, podemos supor que seu histórico negativo no Conselho de Fiscalização também tenha influenciado essa decisão. Além disso, existe mais um documento neste dossiê, que é uma resposta a um ofício encaminhado ao Conselho por seu delegado do Estado do Paraná, David A. da Silva Carneiro, em abril de 1941, que menciona um problema envolvendo Wanda Hanke e a circulação de uma coleção de artefatos indígenas não autorizada. O ofício original do delegado não consta no dossiê, nem o ofício do Diretor do Museu Paranaense citado na resposta do Conselho, que diz:

“... Quanto à situação de uma coleção de origem estrangeira transitando em território nacional, legal ou ilegalmente, não cabe, no caso, a interven-

²² Dossiê CFE.T.2.170, Acervo do CFE, MAST – Rio de Janeiro.

ção deste Conselho, uma vez que sendo a sua finalidade a proteção do patrimônio artístico e científico nacional, as suas atribuições não poderão incidir em coleções de origem estrangeira que tenham entrado no país. Idêntica será a situação apresentada pela proposta da Dra. Wanda Hanke, caso toda a coleção oferecida seja de proveniência boliviana. Entretanto, não estando suficientemente explícito o ofício do Sr. Diretor do Museu Paranaense, que me enviastes por cópia, quando afirma que ‘o material etnográfico foi coligido em território nacional e, principalmente, entre os índios bolivianos Guarayos, Sirionos, Yurakareses e Chojos’, solicito as vossas providências afim de ser esclarecido ao Conselho si o território nacional aludido é o do Brasil ou o da Bolívia. No primeiro caso, faz-se mister verificar si esse material escapou a fiscalização e, verdadeira essa hipótese, como não será possível a apreensão do material, pois tudo indica que ele está fora do país, só nos restará tomar as medidas cabíveis contra possíveis repetições futuras. Por outro lado, se todo o material for de origem boliviana, teremos uma situação idêntica à da consulta que me fizestes, não cabendo, ainda aqui, a ação fiscalizadora deste conselho”²³.

O extravio desses documentos dificulta nossa compreensão sobre os acontecimentos em relação à essa coleção mencionada no ofício, e sobre a participação do Diretor do Museu Paranaense, Loureiro Fernandes, na discussão. Em uma carta enviada por ela à esse diretor, em novembro do mesmo ano, ela menciona as dificuldades que teve pela a falta de autorização para enviar uma coleção pelo correio e os problemas com o Conselho de Fiscalização, e pede a ajuda dele. Abaixo, um pequeno trecho dessa carta:

“... Respecto a mis estudios y las colecciones de materiales científicos en Brasil ruego a Ud. a entenderse con el Conselho de Fiscalização das Expedições. Yo como persona particular no puedo hacerlo sin ayuda de la embajada de Alemania en Rio y dicha embajada me negó ya su ayuda – hace un año – opinando que no la interesan mis estudios en favor de museos e institutos sudamericanos...”²⁴

Não encontramos mais registros sobre Wanda Hanke nas atas do Conselho e nem informações sobre suas expedições pelo Brasil nessa documentação. Ela não reenviou o pedido de licença, pois, como diz na carta, não tinha o apoio da embaixada alemã e não conseguiria fazer esse pedido por intermédio do Ministério das Relações Exteriores, como queriam os conselheiros. Sabemos que ela continuou fazendo suas expedições e coletando materiais, mesmo sem nunca ter conseguido a autorização do governo brasileiro, devido ao legado que deixou em

²³ Dossiê CFE.T.2.170, Acervo do CFE, MAST – Rio de Janeiro.

²⁴ Fontes: Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, Museu Paranaense.

forma de coleções, artigos, fotos e cartas. Mesmo que sua produção bibliográfica não tenha sido tão impactante no âmbito dos debates antropológicos, as compilações de dados e línguas, as coleções que formou, o acervo iconográfico e as peças que entregou à museus diversos constituem uma importante fonte para a história dos povos indígenas da América do Sul.

Há muito tempo a formação de coleções botânicas, zoológicas, paleontológicas, arqueológicas, etnológicas, entre outras, vem sendo uma importante parte das práticas científicas e a base para a construção das classificações. Mais recentemente, historiadores têm buscado compreender como a aquisição, a circulação, o intercâmbio e a ressignificação desses objetos coletados influenciam e influenciaram a produção do conhecimento científico em diferentes contextos, ou seja, como essas coleções foram usadas e interpretadas de diversas formas em diferentes momentos históricos. Essa historiografia tem reconhecido a importância das coleções na construção do conhecimento científico e revertido o quadro de desca-so dos historiadores das ciências em relação à iconografia e à esses conjuntos de objetos como possíveis geradores de investigação (Lopes, 2008).

Ao analisar a história da formação do Museu de La Plata, na Argentina, Máximo Farro (2009) argumenta que a partir do final do século XIX as práticas colecionistas seguiram uma forma de divisão de trabalho bastante usual: dividiam-se entre coletores de campo e pesquisadores de museus e gabinetes. A experiência de Wanda Hanke caracteriza bem essa divisão, enquanto ela poderia ser enquadrada na categoria dos coletores de campo, que forneciam peças para formar as coleções, as pessoas com quem se correspondia, como Loureiro Fernandes e Eduardo Moscoso, representavam os pesquisadores de museus, responsáveis por organizar e estudar esses objetos. As coleções criavam vínculos entre pesquisadores de mundos sociais diversos através dos laços criados entre esses diferentes atores (Farro, 2009), e a análise da trajetória dessa personagem nos permite conhecer um pouco sobre como esses vínculos eram estabelecidos na primeira metade do século XX.

Conclusão

Esse artigo buscou trazer à tona a experiência de Wanda Hanke, com o intuito tanto de resgatar sua contribuição à produção de conhecimento etnológico na América do Sul e formação de coleções, quanto de reconhecer a participação de mulheres nos sistemas de produção de conhecimento científico em meados do século XX, procurando conhecer melhor as condições em que se deu essa participação.

Desde já há alguns anos, novas perspectivas em história das ciências incorporaram um número de novos atores, culturas, localidades, bem como abordagens que cobrem os mais amplos espectros, como por exemplo, desde os estudos

de colecionismo às abordagens teóricas de gênero. A circulação de objetos, coleções, pessoas, informações, teorias fez e faz parte de processos, em que cada vez mais as práticas científicas têm sido entendidas também como formas de comunicação e comércio, muitas vezes indissociáveis. Nessas abordagens a centralidade dos processos de interação entre indivíduos em movimento, circulando por diferentes países e nas mais variadas condições, tem possibilitado a divulgação de novas instigantes trajetórias não só dos considerados personagens ícones da historiografia, mas daqueles e daquelas ilustres desconhecidos(as), aventureiros(as), amadores(as) que têm desafiado a rigidez dessas mesmas categorias em que costumam ser enquadrados.

Wanda Hanke é mais uma dessas personagens que transgride as fronteiras de tais classificações, e ainda é pouco conhecida no Brasil. Ela foi mais uma, das já não tão poucas, mulheres que na primeira metade do século XX, se aventuraram por regiões da América do Sul. Sem filiação institucional, articulando atividades científicas e comerciais, reunindo e vendendo coleções, escrevendo artigos científicos, fotografando e registrando suas viagens, Wanda Hanke circulou por territórios de diferentes nações indígenas no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina.

Quando começamos a pesquisar a trajetória de Wanda Hanke, fizemos perguntas a respeito dela entre colegas da área de antropologia e uma das primeiras informações que conseguimos em meio à uma conversa informal foi que seria difícil saber muito sobre ela, pois diziam que ela era meio “maluca” e não era ligada à nenhuma instituição. Surpreendentemente, começamos a encontrar documentos que relatavam aspectos de sua trajetória, e pedaços de sua história foram se revelando. Sem entrar no mérito das discussões sobre o conceito de loucura, vemos que suas cartas e textos deixam transparecer uma personalidade forte e determinada, e os esforços que empregou para realizar sua pesquisa, assim como seus resultados, são impressionantes, ainda mais levando em conta as condições em que a realizou, sozinha, fora da lei (no caso brasileiro), sem financiamento e sem vínculos institucionais. E, afinal, todas as mulheres que viajavam sozinhas e pesquisavam pelo interior do Brasil naquela época, trabalhando como cientistas, eram consideradas meio “malucas”. Esse diferencial foi responsável por consolidar uma trajetória particular e marcante, capaz de inspirar muitas reflexões acerca da natureza imaginária dos papéis de gênero (Corrêa, 2003).

Referências Bibliográficas

Corrêa M. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960), testemunhos*. São Paulo/ Campinas (SP): Vértice, Editora Revista dos Tribunais/ Ed. Unicamp, 1987.

- _____. *Antropólogas e Antropologia*. Belo Horizonte (MG): Ed. UFMG, 2003.
- D'Angelis W. *O Primeiro Século de registro da língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica*. [Portal Internet]. 2003 [2011 Nov 12]. *Etnolinguística*: 1-39. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/artigo:dangelis-2003>
- Farro M. *La formación del Museo de La Plata – Coleccionistas, comerciantes, estudiosos y naturalistas viajeros a fines del siglo XIX*. Rosário: Prohistoria ediciones, 2009.
- Grupioni LDB. *Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil*. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, 1998.
- Lisboa AG. *O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil: Ciência, Patrimônio e Controle*. [Dissertação]. Niterói (RJ): Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2004.
- Lopes MM; Souza L; Sombrio M; *A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976)*. *Gênero*. Niterói (RJ). 2004; v(5)n(1): 97-109.
- _____. *Vencer Barreiras, Até Quando? Aspectos da Trajetória Científico-Política de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976)*. In: Santos LW. et al (org.). *Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento*. Londrina: IAPAR, 2006, p.203-233.
- _____. *Trajetórias museológicas, biografias de objetos, percursos metodológicos*. In: Almeida M.; Vergara MR. (org.). *Ciência, história e historiografia*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Via Lettera/ MAST, 2008.
- Moscoso EO. *Wanda Hanke en La Etnografia Boliviana*. La Paz: Libreria Editorial Juventud, 1982.
- Paula TCT. *O tecido como assunto: os têxteis e a conservação nas revistas e catálogos dos museus da USP (1895 - 2000)*. In: *Anais do Museu Paulista*. 2005 jun [acesso 2011 Dez 10]; v(13)n(1). Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000100011
- Rodrigues AD. *Wanda Hanke: Völkerkundliche Forschungen in Südamerika*. [Resenha]. *American Anthropologist*. 1967; v(69): 529-530.
- Schiebinger L. *Gendered Innovations in Science and Engineering*. Stanford: University Press, 2008.
- Sombrio MMO. *Traços da Participação Feminina na Institucionalização de Práti-*

cas Científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951. [Dissertação]. Campinas (SP): DPCT (IG), Unicamp, 2007.

Data de Recebimento: 02/03/2012

Data de aprovação: 21/05/2012

Conflito de Interesse: Nenhum declarado

Fonte de Fomento: Nenhum declarado